

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO CERES – DHC
PROJETO DE PESQUISA: JUREMA, UMBANDA E CANDOMBLÉ: AS RELIGIÕES
AFRO-BRASILEIRAS NO SERIDÓ POTIGUAR
DOCENTE: PROF. DR. LOURIVAL ANDRADE JÚNIOR
DOCENTE: PROF. ME. ANDRÉ LUÍS NASCIMENTO DE SOUZA
DICENTE: BEATRIZ ALVES DOS SANTOS

Indicação de citação: SILVA, Luiz Machado. **Entrevista**. (set./2018). 2 arquivos MPG.
Entrevistadores: André Nascimento; Lourival Andrade Júnior. Nazaré do Bruno/MA, 2018.

ENTREVISTA

A Umbanda em Nazaré do Bruno (Caxias/MA) - Pai Luiz Machado

**Luiz Machado da Silva
(Depoimento, 2018)**

Caicó, RN
2019



Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática;
Entrevista: Lourival Andrade Júnior; André Nascimento;
Gravação: André Nascimento;
Fotografia e Transcrição: Beatriz Alves;
Local: Nazaré do Bruno – MA – Brasil;
Data de gravação: 08/09/2018
Data final da transcrição: 01/02/2019
Quantidade de arquivos: 02
Formato de Arquivo: MPG
Duração: Arquivo 01 – 46m56s; arquivo 02 – 08m48s.
Identificação de siglas: L.A: Lourival Andrade
A.N: André Nascimento
L.M: Luiz Machado

Entrevista concedida pelo pai de santo Luiz Machado da Silva, no dia 08 de setembro de 2018, na comunidade de Nazaré do Bruno, município de Caxias – MA. Na ocasião, o senhor Luiz Machado da Silva, mais conhecido como Pai Luiz Machado, conversou um pouco sobre a Umbanda praticada por ele e suas raízes na comunidade juntamente com o seu padrinho e mestre, o fundador do povoado Nazaré do Bruno, José Bruno de Moraes.



Entende-se por “religiões afro-brasileiras”, o conjunto de práticas místico-religiosas forjadas no Brasil a partir do século XVI, cuja a interação entre as matrizes culturais indígena, europeia e negra africana resultou em um vastíssimo repertório de manifestações religiosas que se espalharam por todo o território brasileiro. Os desdobramentos destes cultos na atualidade são, portanto, consequências de um longo processo histórico moldado por meio de embates políticos, sociais e culturais; marcado também por resistências e justaposições de elementos interculturais. Ao lidar com um universo tão plural e extremamente fugidio, como este a que o projeto “Jurema, Umbanda e Candomblé: as religiões afro-brasileiras no Seridó Potiguar” se propõe, é preciso estar atento as possibilidades de reelaboração que estes cultos elencam.

Inicialmente centrados na análise dos cultos seridoenses, acabamos por expandir a dimensão geográfica do projeto e visitamos terreiros em Natal, Paraíba e mais recentemente, no Maranhão, onde conhecemos a comunidade de Nazaré do Bruno.

As primeiras informações que tivemos acerca da comunidade, foram extraídas da obra “O livro “O messianismo no Brasil e no Mundo”, de Maria Isaura Pereira de Queiroz¹ resultado de sua tese doutoral (1963), a autora discute sobre os diferentes fatores que teriam contribuído para a eclosão de uma dezena de movimentos messiânicos e milenaristas em várias partes do mundo. A referência a Nazaré do Bruno, aparece discretamente em uma nota de rodapé, onde a autora diz:

Se instalou em Nazaré do Bruno, no interior do Maranhão, por volta de 1940. Um sonho o levou a se dedicar inteiramente à religião e a sair pelo interior em busca de um lugar em que instalaria o Paraíso terrestre, que encontrou a 50 quilômetros de Teresina, mas no Maranhão. Informações datadas de 1958, afirmam que ali havia então três mil moradores, setecentos dos quais, alfabetizados e obedecendo às ordens eleitorais do messias, o que deu certa importância ao lugarejo aos olhos dos políticos. Bruno exerce chefia econômica semelhante à de Pedro Batista. Religiosamente, porém, é muito mais ativo e fez uma associação curiosa entre catolicismo (oficia na igreja imitando os padres) e umbanda (ao lado da igreja tem um terreiro) (QUEIROZ, 1976, p. 364)

José Bruno de Moraes, nasceu aos 06 de outubro de 1897, em Barro Duro, Piauí. Filho de Raimundo José Moraes e Maria Martins do Espírito Santo. Ainda criança começou

¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.



a manifestar seus dons de cura e clarividência, de acordo com relatos dos familiares, curava pessoas, receitava chás e banhos e acabava com as “*perturbações espirituais*”. Saindo de Barro Duro, constituiu residência em uma pequena comunidade chamada de *Piquizeiro*, localizada no interior de Caxias, MA. Lá, continuou com os trabalhos espirituais permanecendo no povoado até idos de 1937. Nessa mesma época, começou a ter experiências oníricas com a Virgem de Nazaré – em sonho, a santa pedia para que José Bruno adquirisse uma propriedade, a fim de concretizar sua missão de vida. A terra em questão, denominada “*Unha de Gato*”, era de um familiar, que após vende-las, tornou-se um dos “*discípulos*” do mestre *Zébruno*. Batizada posteriormente de Nazaré do Bruno, a comunidade passou a receber centenas de pessoas que procuravam por curas, conselhos ou alguma orientação espiritual. Muitas das pessoas tratadas ou curadas pelo *padrinho* acabaram se estabelecendo em Nazaré por vontade própria ou a pedido do mestre. Entre os anos de 1937 e 1981, ano do seu falecimento, José Bruno de Moraes iniciou dezenas de homens e mulheres na umbanda praticada por ele; são os seus “discípulos”, aqueles que aprenderam as “*doutrinas do padrinho*”, os procedimentos divinatórios, as orações de cura, os banhos sagrados e todo tipo de benzimentos.

Atualmente Nazaré do Bruno possui cerca de 10.700 habitantes². As celebrações em memória de seu fundador fazem parte do calendário do povoado. As novenas no mês de setembro marcam o início da festa. Procissões, leilões e as atrações musicais atraem moradores das comunidades vizinhas e de cidades próximas. As tradicionais *báias*, isto é, os rituais da umbanda de Nazaré do Bruno, ocorrem nos terreiros ou mesmo nas *matas* do povoado com a participação de pais e mães de santo de outras congregações além dos membros da comunidade.

Uma das maiores *báias* acontece no barracão do Pai Luiz Machado da Silva, líder umbandista, afilhado de mestre *Zébruno* e um dos sacerdotes mais influentes da comunidade. Seu salão erguido em homenagem ao Príncipe Encantado José Ariolino e ao Caboclo Rompe-Mato, é o maior templo de umbanda do povoado.

A ornamentação do terreiro era composta por imagens de São Sebastião, Santo Expedito, Imaculada Conceição, São José, Santa Bárbara, São Jorge, São Francisco, a Senhora Aparecida e a Senhora de Nazaré. Havia também fotografias do “padrinho” Bruno, a mesma

² Dado do censo 2022. Acesso em 10 de outubro de 2023. Para mais informações consultar: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=Nazar%C3%A9+do+Bruno>



imagem se repetia em outros barracões. Observamos também esculturas do panteão afro-brasileiro como: Oxalá, muitos caboclos, pretos e pretas-velhas e Iemanjá – esta última, presente em todos os terreiros que visitamos. Em um quartinho mais reservado estavam as imagens de exus, pombagiras, ciganas, Zé Pelintras e uma baiana (Maria do Balaio); atabaques, velas, guias, terços além de outros adereços também foram observados.

De frente para o peji (altar), iniciamos a entrevista. As perguntas foram organizadas pelo Prof. Dr. Lourival Andrade Júnior e pelo Prof. Me. André Nascimento. A transcrição desta entrevista e as fotografias foram realizadas pela bolsista de iniciação científica, Beatriz Alves. Em alguns trechos do diálogo, optamos por manter expressões utilizadas pelo nosso entrevistado, outras, de característica mais regional ou termos usados na religião, estão identificadas em nota de rodapé para melhor compreensão do leitor.



[INÍCIO DA ENTREVISTA]

A.N: Primeiro, nome completo?

L.M: Luiz Machado da Silva.

A.N: Dia, mês e ano de nascimento.

L.M: 24 de outubro de 64.

A.N: Onde?

L.M: A data?

A.N: Não, onde nasceu? Que cidade?

L.M: Nasci no município de União, Lagoa Alegre.

A.N: No Maranhão?

L.M: Piauí.

A.N: Ah, é Piauí?! E veio pra cá por quê?

L.M: Nós viemos pra cá porque, minha mãe tinha um problema de saúde, de perturbação; e essa perturbação não era tratamento para medicina e sim para a espiritualidade. Nessa época, o pessoal tinha conhecimento de José Bruno que morava em Nazaré. Então, morava em Nazaré e trabalhava fazendo a cura (...), meu avô mandou trazer ela pra cá, aí meu pai trouxe ela. Aí quando foi com três meses, foi assim, mais ou menos seis meses, ela já “tava” já bem melhor. Nós chegamos em 70, quando foi em 73, ela já tinha “preparamentos de trabalho”³, aí começou já trabalhar com o Mestre Zé Bruno, que ordenou que ela trabalhasse; ela começou fazendo tratamento no pessoal também.

A.N: Então ela trabalhou com ele mais de três anos?

L.M: Nós chegamos em 70, então ela trabalhou com ele três anos (...) foram três anos para o desenvolvimento.

A.N: Sim!

L.M: Com tudo que ela fez no tratamento, foi quando ela ficou bem, aí ele fez uma confirmação, encruzo, que era um tipo de “preparamento” que ele fazia na Umbanda (...), tudo que ele fazia era com base no “santo”. E aí ele [a] preparou, fez a “firmeza do guia” dela e aí já dedicou a ela. Ele [a] autorizou, fez um salãozinho pra ela aqui de palha, aí ela ficou atendendo o povo. Então quando começou aumentar mais a população, os fregueses, começou a vir muita gente, aí ela aumentou, levantou o salão de novo, outro salão, continuou no salãozinho de taipa também. Aí, quando foi nesse período que ela já estava bem, eu com a idade de 10 anos, aí comecei também sentir problemas de perturbação. E aí ela, como já tinha

³ Desenvolvimento mediúnico.



conhecimento, que já era uma pessoa entendida, começou a [ir] me dedicando e participando com o nosso chefe, “padrim” Zé Bruno. Me levava pra assistir os “trabalho” da noite, sete hora da noite com “padrim” Zé Bruno e também tinha outro chefe aqui perto de nós, chamava Joaquim.

A.N: Joaquim da Guarda?

L.M: Joaquim da Guarda, Joaquim Guarda. Ainda participei de trabalhos lá com ele também. Sei que não demorou muito tempo e eu fiquei bem também. Hoje eu posso passar até de cinco dias sem dormir, mas eu não sinto nada na minha mente, então eu fiquei curado desse problema, que também não era da medicina, era espiritual.

E um dia ela falando aqui, disse assim: “meu filho, eu não tenho nada pra te dar, dinheiro, “num” tenho riqueza, a única herança que eu tenho “pra” te dar é esse salão”. Aí eu fui disse pra ela assim: “mamãe, eu não quero. Eu “tô” com a senhora, agora, porque tenho pena de deixar sozinha num caminho desse”, aí eu fui disse assim: “mamãe, tem gente que dá tanto trabalho “pra” se desenvolver e eu não dei trabalho pra me desenvolver”, ela disse assim: “você que pensa!”. Porque que eu falei assim?! Porque eu “num” estava lembrando do meu passado. Nesse dia, ela me “espertou” com essa conversa, mas sei que graças a Deus eu fui iluminado com cura mesmo.

A.N: E quem fez a sua preparação foi sua mãe?

L.M: Não, eu tive o desenvolvimento com “padrim” Zé Bruno e tive o desenvolvimento também nessa outra eira⁴, com a Cujubeira⁵. Sei que quando o “padrim” Zé Bruno morreu, eu já tinha 17 anos, eu recebi umas “firmeza” dele. Ele me proibiu de vestir bermuda. Então eu ficava pensando assim: “por qual motivo?”. Nessa época como eu era jovem, eu não queria aceitar, mas hoje pelo conhecimento que eu tenho, é porque ele já sabia que tinha que ser uma pessoa diferente. Não diferente dos outros, [mas na] parte de vaidade, porque as pessoas que são espíritas são diferentes, elas têm que ter sua reserva, de veste, de euforia, festa dançante, “num” é uma coisa para a espiritualidade, para o médium, para a pessoa que exerce cargos também como esse espirituais. Então o “padrim” nas correntes⁶ dele, as linhas que ele trabalhava e a gente chama hoje corrente, mas não é corrente, é linhas! (...). As linhas que ele trabalhava, era uma linha muito fina, assim, elas [as entidades] cobravam muito. Hoje os médiuns mudou muito, (...) [os médiuns] espíritas têm o direito de usar seu cabelo cortado, usar

⁴ Termo utilizado para se referir ao terreiro. Templo religioso. Expressão de origem portuguesa.

⁵ Cidade localizada no interior do Estado do Piauí.

⁶ Grupo de entidades espirituais que atuam sobre ou com o médium.



suas roupas (...), se chegasse uma pessoa onde ele estava “pra” receber um tratamento e viesse uma “muié” vestida de shorts ou calça comprida, ele mandava que se trocasse.

A.N: Pro senhor, quem foi e quem é José Bruno de Moraes?

L.M: Zé Bruno de Moraes foi uma pessoa muito importante na nossa vida. Um pai de santo de muito poder! De muito mistérios! De muitas ciências! Ele foi aquela pessoa e nós temos a satisfação, a gratidão de ter dito assim: “conheci Zé Bruno e tive a mão dele em cima do meu ombro, eu peguei nessa mão”. Hoje a gente olha as foto e vê (...), essa mão aqui foi dum grande homem, um grande espírita, um grande líder. Mestre Zé Bruno é uma das pessoas mais importantes “pra” nós aqui. “Pra” nós, ele é um grande orixá, porque ele era um homem que tinha muito poder, que tinha o poder que Deus deu pra ele, que curava até com a saliva.

Se você tivesse sentindo um problema de garganta, um problema qualquer, dor em qualquer parte do seu corpo, então perguntava se você tinha nojo dele e você dizia: “eu não tenho nojo”, ele [dizia]: “me dá sua mão”, cuspiam na sua mão e [dizia]: “passe na sua garganta”, e você passava aquela saliva na garganta, você passava a saliva numa dor, aí era aliviada os problemas. Então, Mestre Zé Bruno o que ele representa pra nós hoje, um grande “deus espiritual”. “Deus espiritual”, se diz assim porque a gente sabe que só existe um Deus, mas na espiritualidade (...), na encanteria⁷ “pra” nós é muito importante.

A.N: O senhor acha que ele aprendeu com alguém tudo que ele sabia?

L.M: Não. As “ciências espíritas” a gente não aprende com ninguém, é um dom divino, é um dom de Deus. É um dom que Deus dá, uma sabedoria que vem do além. E essa sabedoria vem do além, ela veio para este homem, que se dedicou, um homem de muita disposição. Porque “pra” gente exercer um cargo espiritual é preciso ter muita disposição e esse dom que ele aprendeu foi um dom divino, foi um dom que veio, nós não aprendemos nada com ninguém, principalmente as “ciências espíritas”. As coisas do além que vem para nós são coisas que são transmitidas, assim que a gente não sabe nem explicar, porque as ciências ocultas é uma ciência, é uma coisa sem fim. Você pensa que chega as vez ao final, mas não, porque cada dia se descobre mais coisa (...). O “padrim” Zé Bruno, ele era tão receoso com as coisas, que ele não queria nem fazer entrevista com ninguém, era uma coisa que não queria passar (...). E hoje o que a gente sente, que a gente viveu aqui com ele, ele se sente honrado, feliz, porque é uma terra que ele deixou sagrada pela “encanteria”, ele deixou esses morro tudo aí feitos

⁷ Expressão religiosa comum no Estado do Maranhão. Para maiores informações ver: FERRETTI, Sérgio F. **Querembentan de Zomadonu**, etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1985. FERRETTI, Mundicarmo. **Encanteria de “Barba Soeira” Codó, capital da magia negra?** São Paulo, Siciliano, 2001.



“assentamento de firmeza”⁸, ele faleceu em 24 de outubro de 81 e nunca parou, Nazaré do Bruno nunca parou. E essa história ele sempre dizia nesta casa, que ele gostava muito dessa casa, [da] minha mãe [que] era filha de santo dele, preparada por ele, ele mandava a gente pra cá pra tomar de conta, gostava sempre de dizer que o Nazaré do Bruno ele não ia deixar, [que] os portão de Nazaré do Bruno [não iria] fechar, ia ficar destrancado para que quem conheceu ele, viesse e quem não conheceu ele, viesse também, porque Nazaré do Bruno não ia fechar.

A.N: O senhor acha que depois de 81, ano em que morreu, ele continua tendo força espiritual aqui em Nazaré do Bruno?

L.M: Ele continua e agora sim mais forte ainda. Porque hoje os conhecimentos dele aprofundou mais. A gente passa para outra vida espiritual, para viver a vida espírita, já é melhor porque vai ter mais conhecimentos (...), nós tem muita informação das coisas [materiais], das ciências espirituais, mas quando a gente passa a sair daqui, a história já é outra. Então, ele hoje é mais forte ainda, ele hoje é mais puro, porque hoje ele vê as coisas de [outra] forma, porque você vê que as “matérias”⁹ às vezes conta uma história de um jeito, às vezes conta de outro e o chefe ele tá pra ouvir, ou certo ou errado, ele tá ouvindo, né?! E agora não, hoje o que ele vê, o que ele sabe é uma realidade.

A.N: O que é a umbanda de Nazaré do Bruno?

L.M: A umbanda de Nazaré do Bruno, é uma parte de realidade nossa vida porque vem trazendo muita paz, conhecimento, cura, vem com uma força que nem o vento. A umbanda está presente na nossa fé, veio “pra” gente poder viver em harmonia. A umbanda tira a gente de muita coisa negativa também. E, como eu falei lá no início, que as realidades espirituais são uma realidade que nos fortalece.

A.N: Em todos os terreiros que nós fomos, aqui em Nazaré do Bruno, todos eles têm Iemanjá. É a imagem mais recorrente em todos. Por quê Iemanjá?

L.M: Iemanjá é uma moça muito dedicada, a gente tem aquela fé porque os umbandistas, nós temos muita ligação com o mar, com as matas; umbandista sempre quer viver o conhecimento da natureza. Então, Iemanjá é uma orixá, é uma deusa que representa “pra” nós muito forte, ela tá presente na nossas obrigações [de início e fim] de anos, nossos pedidos nós oferecemos algumas coisas “pra” ela e recebe também, porque ela dá, porque ela tem poder (...). O mar é onde, recebe muito “carregamento”¹⁰, o mar recebe e despacha. Nós tira uma mal corrente aqui,

⁸ Assentamentos são um ponto físico, natural ou artificial que representam a morada das entidades na terra. Podem ser pedras, arranjos de madeira ou barro, bem como montanhas, rios e outros.

⁹ Encarnado. Forma humana.

¹⁰ No sentido exposto pelo entrevistado, carregamento significa energia ruim, más energias.



aí se nós quiser “botar” para o mar essa corrente e manda: “vai para as onda do mar sem fim, vai para as onda do mar sagrado”. Então nós tem que ter muito contato com a Iemanjá, porque tem que passar por ela, “pra” poder nós entrar na ciência no mar, é preciso que nós tenha a permissão de Iemanjá. Ela é uma das grandes comandantes do mar. Não sozinha, tem os outros orixás que acompanha também, né?!

A.N: O senhor realiza a festa da mata?

L.M: Realizo. Realizo a Festa da Mata. É uma festa muito boa, é uma festa tradicional que hoje a gente considera como festival da umbanda que cresceu. Começou pela minha mãe, com umas 15 pessoas, aí depois ela botou um ônibus, depois ela botou um caminhão “pra” carregar o povo e eu cheguei a carregar 16 ônibus, carro pequeno, carroça. Cada pessoa levava seu transporte. Então hoje nós saímos da mata “pra” cá “pra” Nazaré, porque a mata incendiou. Foi uma “queimação” geral, “num” foi só lá nesse local não, foi onde tinha mata, o fogo destruiu muita coisa. E nós também temos dado [toque] lá em cima do morro, onde eu faço essa festa, uma festa muito bonita! Essa semana mesmo eu fui até lá (...). Então eu “tô” agora fazendo essa festa de Nazaré do Bruno, os três dias antes de realizar ela aqui, porque aqui o pessoal começa a chegar oito dias antes, todo mundo se programando “pra” essa festa. Nazaré se veste de umbandista, o povo fica fazendo a devoção nos morros, das penitências, porque umbandista sempre é correndo atrás de energia, de força, porque se a gente não tiver uma energia espiritual, a gente não consegue comandar um trabalho, não consegue comandar uma festividade através dos orixás. É preciso que você tenha energia espiritual “pra” poder fazer. Então eles vêm, aí eles chegam, começa a subir os morros fazendo devoção, penitência e o Nazaré nesse período recebe muita luz, recebe muita oração e aonde o povo faz muita devoção, isso é importante “pra” nós, nós também se sente muito realizado e muito grato por essas pessoas que vem com seu povo fazer devoção em Nazaré.

A.N: Acontece no segundo domingo de julho, é isso?

L.M: No último domingo de julho.

A.N: No último?

L.M: Todo último domingo de julho esta festa é realizada. A gente nunca mais mudou, foi sempre nessa data. Minha mãe começou fazendo ela assim e ficou no período muito bom, porque é um pontapé em Nazaré do Bruno, vem trazendo uma renda “pra” Nazaré do Bruno, “pra” festa de Nossa Senhora, que é em julho. Agosto aí começa dia 20 as penitências dos morros, aí quando é no dia 08, se encerra a festa. Então Nazaré do Bruno é um dos lugares mais festejado dento das “ciências”. Aqui é festa o ano todo, nesse salão mesmo realiza[mos] a festa do começo do ano, primeira festa do ano, no dia 19 de janeiro para o dia 20: São Sebastião; aí



vem maio: festa dos Preto-Velho, comemoração a nossos Preto-Velho, que foram um povo muito sofrido e que hoje estão nas partes mais elevadas espiritual. São povo que “tá” nos ajudando. Junho: festa do Espírito Santo, que é no primeiro domingo de junho. E julho, dia 19, último domingo de julho, essa festa que às vezes não tem data [firmada] às vez cai num dia 26, no dia 27, 28, chega até o dia 31, [enfim], contanto que seja o último domingo de julho. Essa festa é em homenagem ao Caboclo Rompe-Mato, foi o que ficou governando essa parte espiritual. E aí “nós faz”.

A.N: O chefe aqui, desse salão é o Rompe-Mato?

L.M: É não.

A.N: Não?!

L.M: É não, ele é um dos orixás que comanda essa casa. Mas o chefe daqui o nosso chefe, o nosso comandante mesmo, que é o “chaveiro”¹¹ de todas as linhas, é o Príncipe Ariolino¹², Príncipe Ariolino Juremá. Era o guia do meu “padrim” Zé Bruno. Ele continua na “ronda” de Nazaré, porque ele é o “chaveiro” de Nazaré.

A.N: Então só pra esclarecer, todos os terreiros nesse dia, que o senhor está falando, em julho, festejam o Caboclo Rompe-Mato ou só esse terreiro? Só essa tenda?

L.M: Só esse terreiro festeja, agora eles [os outros terreiros] participam (...). Todo pai de santo, toda mãe de santo, tem que ter uma união. Se a casa “tá” em festa, então vamos todo mundo participar daquela festa de orixá. Pelo menos essa festa com o Rompe-Mato é uma festa que pessoas vem de todos os lugares do mundo participar. Então, eu considero uma festa de santo, de orixá que cabe todo pai de santo e mãe de santo fazer parte daquela festa (...).

A.N: Nessa festa da mata só vem à terra os caboclos ou outras entidades?

L.M: Não, participam muitas entidades. Tem vários! Tem vários orixás, desce Légua Boji¹³, desce cabocla, desce princesa... As princesas são mais difícil de participar. É uma festa que é chamada muitas entidades, a gente não só canta “pro” caboclo, a gente canta “pra” outras entidades através da “doutrina”.¹⁴

¹¹ Chefe da linha espiritual.

¹² Ariolino. Aparece descrito em várias obras sobre a Encantaria, como uma entidade de alto grau espiritual. Chefe de falange na encantaria.

¹³ Légua Boji Buá da Trindade. Chefe espiritual da Mata de Codó, de acordo com o Tambor de Mina, expressão religiosa muito comum no Maranhão. Para maiores informações ver: FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de “Barba Soeira”** Codó: capital da magia negra? São Paulo, Siciliano, 2001.

¹⁴ Cântico. Hino entoado em homenagem a uma determinada entidade ou grupo de entidades. Grande parte das doutrinas que ouvimos em Nazaré do Bruno foram ensinadas e/ou compostas por José Bruno de Moraes.



A.N: Pai Luiz, uma das marcas aqui da umbanda de Nazaré do Bruno, que eu “tô” sentindo, deixada pelo Mestre Zé Bruno, é a questão da cura, o uso de ervas medicinais, de muitos remédios, do uso da saliva, como o senhor citou. Isso ainda permanece na umbanda daqui?

L.M: Permanece os banhos, se for o caso, se for preciso fazer uma incorporação pra fazer o trabalho “nas brasas”, ele [o espírito] pisa, deixa só o pozinho, ele também faz. Essa entidade [o caboclo] é uma que passava na coroa da minha mãe e passa na minha coroa também, mas tá com muito tempo que nunca mais eu fiz concentração pra esse espírito.

No meu desenvolvimento foi mais feita assim. E também tem a outra parte, se é uma enfermidade que não é de tratamento de medicina, ele [o espírito] também chega. Ele “planta” a boca naquela enfermidade e consegue fazer a cura. E já tem pessoas aqui que um dia desse até eu topei com uma moça chamada Fátima, ela faz canto na igreja. Eu estava com um Preto-Velho nessa época, ela veio aqui no dia 13 de maio (...), ela disse que ele desceu, o Preto-Velho desceu, quando chegou aqui ela foi sentindo um negócio muito forte no dedo, o dedo dela estava inchado e ela chegou pra mostrar, pra ele rezar, né?! Ele só fez pegar o dedo dela, colocou na boca e deu uma chupada. Era na minha boca, né?! Mas quem tá fazendo o trabalho era ele, a entidade.

L.M: Ela disse que já saiu daqui anestesiada, o dedo não doeu mais, então foi um trabalho que ele fez. Tem os banhos, os banhos de pulso, tudo é feito com a flor da jardineira, as rosas, arruda de canteiro, as folhas. Nós sempre usamos as folhas do mato pra fazer. Plantas que são a alfavaca, manjeriço, angola, erva cidreira, folha da manga espada, a gente usa muito. Então, essas folhas aí são de limpeza.

Os “médios”¹⁵ de [in]corporação, de radiação que tem o “médio” intuitivo, tem o “médio” vidente, tem o “médio” inconsciente, tem várias formas de “médio”. [Eles] tem que ter preparo, ter banhos pras energias positivas ser mais próxima da gente. Todo dia quando o *padrim* Zé Bruno, às 08h00 da manhã, ele estava naquele “oi d’água” com batalhão de gente, então aquele “oi d’água”, tinha um tanque ali (...), todo dia era “botada” uma lata de banho, de folha, banho verde, aí jogava lá dentro, todo mundo banhava. Os “home” banhava, tinha o banheiro dos homens e o banheiro das mulheres (...), aqui todo dia tinha banho. Hoje a gente “tá” mais relaxado, “tá” mais desligado, dá aquela preguiça, porque pra fazer banho tem que ter uma pessoa. Porque casa de orixá tem que ter a pessoa pra cada função, tem que ter um pra cuidar do salão, tem que ter uma pessoa pra fazer banho, então tem que ter aquelas pessoas já pronta

¹⁵ Médiuns.



pra fazer isso aí. Então hoje em dia você vê que a gente acha que o tempo é curto pra tudo isso. “Nós usa” o defumador de amescla, “nós pega” nas matas, um pau que bota uma cera cheirosa, então já é da natureza, é muito importante. A cera de abelha também, eu uso muito pra defumar com erva doce, que é uma abertura de caminho, é um “desatrapalhar”, é feita da natureza, né?! De um animalzinho pequeno que consegue fazer um produto muito forte que dá certo “pras” coisas da gente.

A.N: O senhor tem toque regular aqui?

L.M: As datas?

A.N: A cada 15 dias, ou a cada mês, a cada ano?

L.M: Olha, “nós batia” de 8 em 8 dias quando minha mãe era viva. Aliás ela ainda estava viva quando ela chegou a dizer: “Luiz, “vamo” bater de 15 em 15 dia”. Aí a gente começou, batia a noite todinha, em dia de sábado, de 15 em 15 dia no sábado nós “baiava”¹⁶, nós brincava¹⁷. E aí quando ela morreu aumentou mais a responsabilidade pra mim. Eu já faço muito trabalho; trabalho na cura direto, trabalho atendendo gente fora. É uma correria muito grande, então fica muito cansativo “pra mim” bater o tambor de 15 em 15 dia, ou de mês a mês, devido meu compromisso ser todos escalado. Eu faço aqui as festas do ano, as festas do salão (...), a festa que mais “pega” tambor [que mais usa] é a da Mata (...). O salão se abre, [são] cinco dias de tambor, cinco dias batendo, então brinca na mata e fico brincando no salão, brinca na mata e vem brincar no salão. Aí depois disso vêm as outras festas [de] outros amigos, outros pais de santo que eu sou convidado e faço parte, eu tenho que ir, então por isso que eu não bato tambor aqui (...). O tambor é uma força espiritual, é uma chamada de mensageiro, porque a gente doutrina pra eles e canta, a gente vem na pancada do tambor, vem na força da doutrina, vem na força da oração, então tudo isso é muito importante.

Mas tem período, teve um período aí que eu fiquei encabulado, porque eu “tava” com energia tão fraca, tão fraca, que [não audível] quando eu chegava lá fora, cadê a energia? “Num” tinha energia, meu Deus, “tô” fraco demais! Aí minha entidade, meu mensageiro, desceu e disse pra meu irmão, mandou dizer que era pro meu irmão “vim” bater o tambor aqui. Meu irmão era de

¹⁶ Bailar. Dançar. Fazer toque.

¹⁷ O uso das expressões “brincar” ou “brincadeira”, são formas de se referir a maneira descontraída que muitas vezes estes rituais possuem.



Timon¹⁸ (...), meu irmão chegou aqui com a mochila nas costas: “rapaz, eu “tô” aqui porque eu tive um negócio de uma revelação, um negócio [para bater] um tambor aí”.

Eu disse: “rapaz pelo amor de deus, o moço falou essa noite que ia acontecer esse tambor, mas eu fiquei preocupado que ele não tá sabendo o que eu tô sentindo, eu tenho certeza que eu não vou aguentar puxar essa corrente de tambor”, aí eu disse assim: “mas tu veio hoje, “vumbora” fazer hoje com quem tiver, a gente bate umas parte pra gente ver, aí se eu aguentar nós amanhece o dia”.

Rapaz, quando eu comecei esse tambor, terminamos de manhã e eu amanheci o dia com uma resistência tão grande, parece que tinha tomado “num” sei quantos litros de vitamina, porque eu estava precisando, porque faz parte dos trabalhos. O meu eu desenvolvi também com tambor, né, tem um desenvolvimento do “médio”, quando ele é desenvolvido no tambor, ele não pode... parar, ficar assim, sem querer brincar; só que a gente não pode mais, que a velhice chega e a gente chega um período que você não tem mais força pra brincar.

L.A: Ano passado eu estive aqui e encontrei o senhor lá na igreja e aí eu fiz uma pergunta e o senhor me respondeu, essa pergunta nunca saiu da minha cabeça, essa resposta sua, eu disse qual era a relação da Igreja Católica tal, se havia algum problema, se havia alguma perseguição tal... E o senhor disse a seguinte frase: “Professor, aqui quem manda é a Umbanda”, foi essa a sua frase e eu nunca esqueci, o senhor confirma isso? É isso mesmo?

L.M: É, a Umbanda aqui é em primeiro lugar, porque aqui foi um lugar que foi fundado pela espiritualidade, contando que não tem nada contra o catolicismo e nem as “outras religião”, porque são “muitas roças”, mas só existe um caminho para Deus. Mas aonde foi realizado como aqui, um lugar que foi escolhido para a espiritualidade, então que eu digo: a ciência predomina essa terra.

A.N: O senhor sabe que isso é o único caso no Brasil, né, é só aqui né?!

L.M: Hã?! [risos]

L.A: É o único caso do Brasil, é aqui. Não tem outro lugar como aqui.

¹⁸ 4º maior município do Estado do Maranhão. Distante 450 km da capital São Luís.



L.M: Tem não. Não tem. Aqui é um lugar determinado, é um lugar que chama-se “eira”, é uma “eira” aqui.

A.N: E o que é uma eira pro senhor? Me explica o que é uma eira.

L.M: Eira é aonde foi fundada só em prol dessa realidade espiritual. Então aqui é um lugar que nós, “padrim” Zé Bruno chegou aqui, ele entrou aqui dentro só tinha uns caminhozinhos animais andando, então foi escolhido por ele ficar aqui. Ele começou a descobrir o lugar de fonte de água, aí começou um lugar se preparando, foi realizado, aonde foi feito os assentamentos para “as oração”, para as coisas de Deus assim como hoje nós realiza aqui.

Então a eira é onde se realizou a força espiritual, onde foi feito os assentamentos, onde foi criado tudo aqui pra que [fosse] um lugar determinado só pra esse fim. Aqui todas “as religião” têm que ter um respeito sobre essa [a umbanda], sobre esse lado. Aqui [se] “eles quiser” fazer qualquer coisa que não afete a espiritualidade, é feito, porque nós concorda. Nós nunca vamos ser contra nada de queira fazer alguma coisa, contando que não afete o lado da ciência, que é um lugar sagrado. Aqui é um dos monumentos sagrados, preparado pelo nosso pai né?! Então nós não pode desfazer de nada, nós tem que conservar tudo que foi feito aqui hoje, feito na época do meu padrinho e o que tá se realizando hoje é uma porta que tá aberta, que é para acontecer. Então nós só tem é que conservar, não deixar nada acabar, é, cada vez mais, é, organizar e valorizar esse lugar que é, que aqui é um cristal. Aqui é um reino de “encanteria” pra quem conhece, aqui é um reino, nós temos um reino de “encanteria”, porque é um lugar forte, um lugar de energia, um lugar de ciência, é um lugar que nós tivemos o prazer de ter um “home” daquele, de tantas energias, que não era um “home” que não tinha leitura, mas tinha inteligência, um dom de Deus de fazer as coisas. Porque se ele dissesse assim: “vai professor, vai professor”, e minha mãe tinha esse dom, ela dizia assim: “vá, que daqui eu lhe ajudo”, “dona Remédio eu não sei como é que eu vou fazer”, ela dizia assim: “pode ir”. Você podia ir, que ela daqui, ela lhe afirmava lá. Era uma mulher preparada, muito forte, é isso que dá muita saudade em nós hoje, é nós termos umas pessoas que foram muito importantes e na época a gente tá do lado dessa pessoa e não vê tanto assim. É quando vai-se embora que a gente quer ter, queria tá, não queria perder momentos nenhum, num é?!

Chega um período que você não valoriza o que você tem, como a juventude, quando você é novo não valoriza sua juventude, vocês se espedaçam, passa noite todinha é bebendo, farreando, sem dormir, se modificando. Você fica uma velhice rápido, aí passou, não valorizou sua juventude que era para você ter gastado suas energias de jovem, com coisas importantes,



gastou com destruição da bebida, do sono, de tanta coisa que vem para destruir uma juventude, tão rápido a gente passa.

É como [diz] a ciência espírita: nós temos um grande *ori*¹⁹ um grande espírito em nosso lado, que a gente conhece, que hoje eu conheço, quer dizer que eu conheci e que hoje eu sei o poder da “encanteria”, por eu viver dentro, que um dia trabalhando mais minha mãe descobri. (...) A minha mãe pôs a minha cabeça sobre a cabeça dela e ela concentrou, quando ela concentrou ela me anestesiou, até o céu da boca anestesiou (...). Então eu fiquei olhando, só pensei: “ô mulher duma coroa forte, essa mulher tem uma energia muito forte”. E aí pronto, eu me manifestei, foi ela que transmitiu aquilo. Então esses pai de santo, era o que nós queria hoje ter do nosso lado, de tanta energia, tanta força, botar a mão em cima de você e você sentir a energia, de forma diferente, que realmente hoje o pessoal eles hoje, não sei como é que tá hoje, eu sei que a minha parte hoje, ainda continuo com aquelas energia, eu me sinto fraco se no caso quando eu chegar num salão desse aqui, eu for fazer minhas concentração e eu não sentir, enquanto eu não sentir aquela presença dentro desse trabalho aqui, eu não posso deixar de tá aqui concentrado, porque enquanto não chegar, eu não realizo o que tem que ser realizado. Eu tenho que chamar e tem que entregar pra eles resolver, porque nós não resolve nada, só resolve se for as força, os espírito que tá do nosso lado, os espírito de luz que trabalha na prática do bem, tão preparado pra isso, tão determinado para fazer isso.

Então é pra isso que os “médios” tem que ser, sempre ser preparado e procurar zelar as coisas de Deus e zelar essa missão. E o que eu digo hoje, quantas pessoas muito importante foram “simbora” daqui da terra, jovem, por desobediência, por não querer aceitar as coisas espírita, né?! E aceitar as ordens, não querer fazer dessa forma (...). E tem que ser feito assim, tem que ter amor à espiritualidade, tem que fazer as devoção, cumprir com as coisas certas, pra não cair em fracasso, nem ir-se embora antes do tempo, porque o povo espírita aqui é uma luz no meio do tempo, qualquer momento pode ser apagar.

[FIM DO PRIMEIRO VÍDEO]

¹⁹ Ori: palavra do yoruba que significa “cabeça”. Segundo a concepção religiosa afro-brasileira, o ori é onde “repousa” os orixás e demais entidades espirituais.



[INÍCIO DO SEGUNDO VÍDEO]

A.N: Pai Luiz, a doutrina, os cânticos, são as entidades que passam isso a vocês ou vocês que criam essas doutrinas?

L.M: É “as entidade”. A gente “tá” bem aqui assim, quando pensa que não, chega a doutrina, chega “as parte” aí você vai juntando, tipo quebra-cabeça. Às vezes até eu tomando banho mesmo ali, a água caindo do chuveiro, pensa que não, chega as doutrina; então aquela doutrina é trazida pelas entidade, nós não tem o poder da mente de criar as doutrina, porque tem tanta doutrina que se cria e vem.

Veja bem, uma doutrina que um dia eu “tava” no local, aí chegou a doutrina:

“Ô me dê licença meu Deus, me dê licença meu pai, eu vim salvar o seu terreiro; povo de umbanda, chegou na eira, eu venho de longe, eu vim salvar terreiro; povo de umbanda está dentro da eira, eu venho de longe, eu vim salvar terreiro. Ô me dê licença, meu Deus, me dê licença, meu pai, eu vim salvar o seu terreiro; povo de umbanda está dentro da eira, eu venho de longe, eu vim salvar terreiro”.

Então é uma doutrina que vem do além, “umas coisa” que vem que a gente não sabe e encaixa e dá tudo certo, uma força sobrenatural, né?! Então a gente imagina que é trazida pelas entidade.

A.N: Perfeito! Deixe eu só fazer a última pergunta e a gente encerra. O senhor falou, aqui é Príncipe Ariolino, num é?!

L.M: É!

A.N: O senhor recebe essa entidade, ou não? Ele só é o guia espiritual?

L.M: Ele é o dirigente desses trabalhos. Eu já senti “as energias” dele quando eu “doutrino”²⁰ pra ele, a gente sente “as manifestações”. É um orixá que tem na coroa e sendo uma pessoa pura pra trabalhar, ele pode descer. O dia que ele recebe qualquer “médio”, ele não tem escolha,

²⁰ Cantar para ou realizar algum trabalho para a entidade.



(...) quanto mais as pessoas [são] simples, mais eles “tão” ao lado dessas pessoas. Então quando o “médio” [é] muito egoísta, cheio de muita coisa, aquele “médio” ali tem só egoísmo, não tem espiritualidade com ele, porque o espírito ele é mais, ele quer as pessoas mais pura. Então eu sinto o “padrim” Ariolino, que é um dos comandantes. Essa casa foi determinada por ele, [foi] o orixá que ficou no comando, foi o moço “Cíço” Légua, que era o guia da minha mãe, também ele passa nessa casa. E o Príncipe Luizinho da Gama, que é um moço muito antigo em Nazaré do Bruno, também.

A.N: Repete o nome, por favor?

L.M: Príncipe Luizinho da Gama! Luizinho da Gama. Ele é um orixá, que ele hoje é um dos mensageiros dessa casa, ele passa na minha cabeça, ele manifesta, ele faz trabalho, ele vive aqui comandando essa casa.

A.N: E ele é comandante?

L.M: Ele hoje tá no comando.

A.N: Ele é o principal?

L.M: Ele hoje tá no comando aqui, que é o meu principal. O moço “Cíço”, é um dirigente dessa casa, mas ele é mais difícil de “vim”. Hoje como a responsabilidade “tá” em cima da Luizinho da Gama, ele vem assim quando é uma coisa de resolver, aí ele vem; se é uma coisa que é preciso resolver com a presença dele, aí ele tem que “vim”. Ele é um grande orixá de superioridade aqui dentro, o Cícero Légua.

A.N: Deixe eu só perguntar uma coisa: o senhor falou em Luizinho da Gama, Cícero Légua, que outras famílias Encantadas desce aqui nesse terreiro? O senhor pode dizer pra nós?

L.M: As entidades?

A.N: Outras famílias, quais são elas? O senhor falou a família da Gama, a família Légua Boji, tem outras trabalhando aqui?



L.M: E tem, tem os orixás que, do mar! Tem outros orixás que faz, que é das matas! Que a gente considera as matas como Jurema, né?! Os Preto-Velho também eles tão dentro da Umbanda, os “caboco”, essas partes espiritual como o príncipe Luizinho da Gama, o Légua Boji Buá... Esse aí é muito conhecido aqui, é muito tradicional aqui na eira, porque eles antigamente andava aqui na rua direto, se manifestava nos “médio” e aí andava aqui na rua.

A.N: Os médiuns incorporados?

L.M: Incorporados. Aí chegava num lugar, tinha uma pessoa doente, aí chegava, se reuniam ali, aí aquele “médio” chegava chamava o guia dele, aí o guia dele levantava e sai no meio do mundo também com os outros (...). Acho muito engraçado essa parte!

A.N: Pai Luiz, o senhor autoriza a gente utilizar sua entrevista nas nossas pesquisas e publicar na Revista Mneme?

L.M: Eu autorizo sim. O que eu “tô” falando aqui é porque às vez eu não sei falar das coisas bem correto mas vocês pode botar, as coisas que eu “tô” falando aqui é coisa do meu conhecimento. Eu não “tô” aumentando nem acrescentando, porque não adianta você contar uma coisa que não existe e as coisas só tem valor quando você tem o conhecimento, principalmente da ciência, a ciência ela tem que ser vista da forma que ela é (...), a ciência é uma coisa muito importante na nossa vida.

L.A: A gente só tem a agradecer. Muito obrigado pela sua paciência de estar conosco, dividir um pouco do seu conhecimento com a gente e dizer que a gente tem muito prazer de tá aqui em Nazaré do Bruno, conhecer vocês todos e pretendemos voltar outras vezes aqui!

L.M: Ah isso é com certeza! O senhor vai, sua imagem vai ficar gravado aqui em nosso coração e esse grande, nesse grande respeito pelas entidades que lhe acolheu! Só em você tá aqui dentro Nazaré do Bruno, é um acolhimento, é um acolhimento importante para nós. Você veio mandado, veio trazido, porque é o lugar que a gente acha assim, quem tá longe onde você mora, a gente diz assim: “é muito longe! como é que um dia eu conheço esse lugar” e é tão fácil hoje, né, que antigamente era mais difícil, né?! Mas você veio justamente porque isso é muito importante, porque você transmite as coisas de realidade, você pode andar por um mundo inteiro, você quem sabe. Os meus conhecimentos eu tenho essa parte e quem sabe se ainda



nesse mundo não tem pessoas também ainda mais classificada e os conhecimento da realidade. Eu agradeço também muito, porque você me ajuda com sua palavra e eu aprendo muito com você; você aprende comigo, mas eu aprendo com você. Você falou lá no começo: “Será que alguém ensinou pro Mestre Zé Bruno?”, não foi Deus que deu esse dom, as coisas espirituais ninguém me ensina, tudo é coisas que vem sagrada, tudo é benção de Deus.

[FIM DA ENTREVISTA]

